

ENCRUZILHADAS DA LIBERDADE

Walter Fraga Filho. *Encruzilhadas da Liberdade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, 368p.

Fábio Duarte Joly¹

Produto de tese de doutorado defendida na Unicamp em 2004, o novo livro de Walter Fraga Filho, *Encruzilhadas da Liberdade*, volta-se para as trajetórias de escravos e libertos dos engenhos da região do Recôncavo Baiano entre as duas últimas décadas que antecederam a abolição em 1888 e as duas décadas imediatamente posteriores a esse evento.

Seu objetivo é demonstrar como as trajetórias individuais e familiares de libertos estiveram indelevelmente marcadas pelo passado de escravidão, que acabou por orientar os rumos das vidas dos ex-escravos e suas estratégias de afirmação de liberdade, seja nos campos, seja nas cidades. Abordando uma documentação variada, garimpada em arquivos e bibliotecas públicas da Bahia e outros Estados, e incluindo jornais e romances do período, o livro aborda as tensões e conflitos envolvidos na transição operada pelo 13 de maio, mas sob um outro enfoque: não se trata de recolocar a questão da transição do trabalho escravo para o livre, mas sim de examinar as persistências do escravismo na configuração das relações de trabalho que emergiram desse momento crucial da história brasileira.

No final do século XIX, o Recôncavo Baiano era a região de maior importância econômica na Bahia, com sua produção de açúcar e tabaco concentrando grande número de engenhos e escravos. A partir de 1850, com a proibição do tráfico de cativos, os senhores de engenho encontraram dificuldades para manter uma quantidade adequada de mão-de-obra, levando-os a recorrer a trabalhadores livres e libertos ou remanejar escravos entre os engenhos. Mas a principal forma de controle consistiu na negociação com os escravos, permitindo que realizassem outras atividades independentes e inclusive possuíssem roças próprias.

Após a abolição, essas conquistas do cativo contribuíram para traçar linhas de continuidade entre a escravidão e a liberdade. Mas a relação senhor-escravo nesse período não foi afetada apenas pelo fim do tráfico. O autor mostra como os debates políticos em torno da abolição repercutiram nas fazendas, gerando até mesmo fuga de escravos para as cidades. Em suas palavras:

O acirramento da disputa, entre senhores de engenho, pela mão-de-obra dos que se libertavam ou que pretendiam libertar-se, as leis emancipacionistas que ampliaram as possibilidades de alforria, a perda de legitimidade da escravidão e a crescente influência do abolicionismo combinaram-se e interagiram de variadas e imprevisíveis maneiras com as iniciativas dos escravos. (p. 56)

Após a abolição, os ex-escravos buscaram afirmar sua liberdade negando papéis antes inerentes à escravidão, como receber rações diárias, ir ao trabalho nos canaviais ou trabalhar sem remuneração, atitudes que a retórica senhorial classificava de “insolência” ou “atrevimento”, termos que indicam o quão enraizada estava a escravidão na mentalidade dos senhores. Ademais, a abolição coincidiu com o aprofundamento da crise econômica que acompanhava a lavoura de cana desde a década de

¹ Professor adjunto de História Antiga e Medieval na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

1870, baixando os preços do açúcar nos mercados mundiais. Um quadro que inevitavelmente interferiu nas relações de trabalho nos engenhos, pois dificultou a fixação de mão-de-obra e gerou conflitos entre libertos e senhores de engenho, com estes últimos procurando cercar a liberdade dos ex-escravos. A luta dos libertos voltou-se principalmente para manter o direito costumeiro de acesso às roças de subsistência. Como sintetiza Walter Fraga:

O fato de a maior parte dos braços da lavoura açucareira ter vivido a experiência da escravidão foi decisivo para definir os contornos das relações cotidianas que se formaram depois da abolição. As vivências no cativeiro serviram de parâmetros para os libertos definirem o que era “justo” e aceitável na relação com os antigos senhores, incluindo estabelecer condições de trabalho que julgavam compatíveis com a nova condição. (p. 214)

Os ex-escravos também se inseriram nos meios rurais e urbanos, buscando firmar sua liberdade e viabilizar seus interesses pessoais. Liberdade era o acesso à terra, o direito de escolher onde trabalhar e o direito de circular livremente pelas cidades, sem necessidade de pedir autorização a outrem, enfim, o que se almejava era o direito de cidadania. Se, por um lado, o passado escravista determinou certos rumos aos libertos, por outro, foi constantemente negado para a afirmação de novos papéis sociais. Inclusive os movimentos sociais – em especial, o movimento operário – que ocorreram após a abolição foram fortemente influenciados pelos embates antiescravistas, de modo que os ex-escravos tiveram uma participação ativa neles. Contudo, como lembra o autor, ainda faltam estudos sobre esse aspecto, visto que prevaleceu uma certa memória do 13 de maio como divisor de águas que apagou de vez o escravismo da história nacional.

A nosso ver, é justamente por fazer uma crítica dessa tradição que o livro de Walter Fraga se destaca. Embora não cite como uma de suas balizas teóricas a obra de Orlando Patterson, *Escravidão e morte social: um estudo comparativo*, o autor acaba por corroborar os argumentos do sociólogo jamaicano sobre a essência da escravidão. Para Patterson, “escravização, escravidão e manumissão não são meros eventos relacionados; são um único e mesmo processo em diferentes fases”². Walter Fraga acerta, portanto, ao estudar as trajetórias de ex-escravos, pois assim ilumina os efeitos da escravidão para além dos limites do cativeiro. Esperamos que outros estudos sobre a escravidão no Brasil continuem a trilhar esse caminho, que igualmente abre possibilidades de análises comparativas com outros sistemas escravistas, antigos e modernos³.

² *Slavery and social death: a comparative study*. Massachusetts: Harvard University Press, 1982, p. 296.

³ Ver, por exemplo, KLEIJWEGT, Marc (ed.). *The faces of freedom: the manumission and emancipation of slaves in Old World and New World Slavery*. Leiden: Brill, 2006.